

A história do Conservatório do Patrimônio Esportivo (Carpentras, França)

L'histoire du Conservatoire du Patrimoine Sportif (Carpentras, France).

Jean-François Brun *

Resumo: Este texto é o relato concreto de mais de vinte anos de existência de uma associação fundada para resgatar o máximo de lembranças possível da atividade esportiva de uma vila provençal francesa de médio porte. Ele descreve as dificuldades que encontramos nessa empreitada da "etnologia de resgate". Não chegamos à completude que buscávamos a princípio. No entanto conseguimos coletar, classificar, conservar e expor objetos de memória muito frágeis que teriam sido, sem a nossa intervenção, condenados à dispersão e ao esquecimento. Nosso Conservatório do Patrimônio Esportivo agora contém os traços frágeis de um passado esportivo que marca a identidade cultural local. Esperamos que a exposição da nossa experiência possa ser útil para aqueles que desejam embarcar em empreitada semelhante. A partir do confronto de várias pequenas estruturas semelhantes podem nascer algumas pistas interessantes da etnologia comparada.

Palavras-chave: Etno-história. Patrimônio esportivo. Carpentras.

Résumé: Ce texte est le récit concret de plus de vingt ans d'existence d'une association fondée dans le but de sauver le plus de souvenirs possible de l'activité sportive d'une ville provinciale française de taille moyenne. Nous y exposons les difficultés que nous avons rencontrées dans cette entreprise « d'ethnologie de sauvetage ». Nous n'avons pas atteint l'exhaustivité que nous visions au départ. Nous sommes cependant parvenus à rassembler, classer, conserver et exposer des objets de mémoires très fragiles qui auraient été, sans notre intervention, voués à la dispersion et à l'oubli. Notre Conservatoire du Patrimoine Sportif contient désormais les traces d'un passé sportifs porteur des marques subtiles de l'identité culturelle locale. Nous espérons que l'exposé de notre expérience pourra être utile à ceux qui souhaiteraient se lancer dans une entreprise similaire. De la confrontations de nombreuses petites structures similaires pourraient naître des pistes intéressantes d'ethnologie comparative.

Keywords: Ethno-history. Sporting heritage. Carpentras.

Um patrimônio em perigo

Carpentras, uma (sub)prefeitura de Vaucluse com 30.000 habitantes, não parecia destinada a abrigar um museu do esporte, mesmo que modesto. Nenhum esportista muito renomado nasceu lá e nenhum time de lá alcançou a glória em algum esporte de prestígio.

* Doutor (medicina). Etnólogo. Trabalho em etnologia esportiva no IDEMEC (Aix en Provence, França) desde 1997. Criador do Conservatório do Patrimônio Esportivo 1998.

Em 1997, a criação de tal estrutura ainda não havia me ocorrido¹. Eu estava no início da minha tese de doutorado em etnologia, que incluía uma pesquisa sobre os torcedores dos estádios de Rugby de 13 (Rugby League).² Durante essa investigação, fui à casa de um amigo que tinha sido dirigente do clube de Carpentras, na época em que lá fui jogador júnior. No final da nossa conversa, ele me perguntou se eu ainda fazia parte do clube e, como respondi que sim, pediu que eu levasse os documentos que ele havia guardado da época em que era dirigente do Racing Club de Carpentras (RCC). As duas grandes caixas empoeiradas que ele me deu continham quase todos os documentos impressos e fotografias que ele havia guardado.

E ele guardou tudo! Bilhetes de trem, cardápios de restaurantes, relatórios de reuniões do comitê da província, da federação francesa etc. A classificação dos arquivos demorou algumas semanas. Mas como se poderia esperar, foi um enorme prazer. Entre as muitas memórias que encontrei havia, por exemplo, traços dos grandes jogadores da primeira equipe (meus "antepassados"), que eu havia visto evoluir à beira da linha lateral quando era jogador júnior e quando o clube chegou à primeira divisão.

Eu me dei conta, então, que o prazer que tive ao mexer nessas memórias certamente poderia ser compartilhado com meus antigos colegas de time e, de forma mais ampla, com um grande número de moradores de Carpentras. Também me dei conta de que, sem este encontro casual com esse antigo dirigente, suas duas valiosas caixas de memórias teriam certamente experimentado os horrores do centro de reciclagem e o posterior desaparecimento.

Durante o primeiro século de sua existência, o clube de Rugby de Carpentras (RCC), fundado em 1909, não possuía uma sede fixa. Se tivesse existido, tal estrutura provavelmente teria permitido uma melhor preservação dos seus arquivos. Mas o clube não funcionava assim.

A sede social do RCC sempre foi dentro de cafés. Para o café, sediar o RCC era a garantia de uma grande quantidade de clientes, e o clube sempre recebia alguma espécie de subsídio, do café que escolhia como sede. A cada ano, portanto, dependendo da mudança do comitê diretor ou de uma oferta melhor de um concorrente, o clube podia se mudar. E era muito raro, então, que os arquivos, certificados e troféus fossem todos preservados. Quando a comissão se mudava, os documentos importantes eram, a princípio, passados para seus sucessores. Mas esse nem sempre foi o caso,

¹ Espero que me perdoem o uso da primeira pessoa do singular, mas estava realmente sozinho no início dessa pequena aventura.

² Na França, o Rugby de 13 (a Federação Francesa faz parte da *International Rugby League*) está longe de ter a importância do Rugby de 15 (*Rugby Union*).

especialmente quando a comissão se mudava como resultado de um conflito, o que era relativamente comum na história antiga do RCC. O comitê, deposto e amargo, fazia uma limpa, e tudo desaparecia. Sabe-se, como observado por LS.Fournier (2008) que um clube esportivo produz patrimônio diariamente. Porém a criação de arquivos bem documentados, disponíveis para os historiadores do futuro, nunca foi uma preocupação primordial dos dirigentes dos clubes. Eles não estão lá para isso e têm muitas outras tarefas mais urgentes. Cabe a nós nos contentarmos com essa realidade inescapável.

Mais ou menos ao mesmo tempo, outro acontecimento me fez igualmente perceber a precariedade das memórias esportivas.

Sabendo que estava trabalhando com a "história do esporte de Carpentras"³, um amigo revendedor de produtos de segunda mão me encontrou para contar que ficou encarregado de esvaziar o escritório regional (Carpentras) do jornal Dauphine Libéré. Esse amigo amava a história local, e parecia inconcebível para ele ter que jogar fora traços do passado. Ele me trouxe em duas ou três caixas grandes e empoeiradas uma coleção de todos os artigos esportivos que aparecem na edição de Carpentras desse jornal. O autor os tinha colado cuidadosamente em diversos cadernos escolares. Uma vez ordenados cronologicamente e depositados na minha garagem ao lado da memorabilia do RCC, encontrei-me em meio a um metro cúbico de documentos, certamente valiosos, mas um tanto volumosos!

Esboço de uma associação

Foi assim que nasceu a ideia de se criar uma estrutura de conservação maior e menos precária do que o simples acervo pessoal. A fim de avaliar sua possibilidade e de entender como ela seria recebida, tive duas iniciativas. A primeira foi a de ligar para o prefeito de Carpentras e de apresentar para ele um projeto bastante detalhado descrevendo qual era meu objetivo nessa fase: a conservação desses primeiros documentos, aumentando rapidamente a coleta de todas as memórias ainda acessíveis do esporte de Carpentras. Acreditava que esse projeto, que contribuiria de forma modesta, mas indiscutível, para a "glória da cidade", não deixaria o prefeito e os vereadores da cidade indiferentes.

Esse projeto⁴ agradou ao prefeito, que aceitou e me incentivou a continuar.

³ Em vez de falar de pesquisa etno-histórica, preferia geralmente dar essa explicação, que era bem recebida e muito melhor compreendida.

⁴ Jean-Claude Andrieu, prefeito de 1987 a 2008. Seu adjunto para esportes, com quem eu havia jogado como júnior e depois como júnior da RCC, participou com entusiasmo da criação da associação.

Minha segunda ideia foi a de convocar através da imprensa uma reunião com o intuito de fundar uma associação sem fins lucrativos que pudesse executar o projeto. Como esperado, nenhum dirigente ativo compareceu. Como havia dito anteriormente, eles tinham muitas outras preocupações, então não foi uma surpresa. No entanto, vários antigos esportistas que desempenharam um papel importante na história do esporte local vieram à reunião; incluindo ex-presidentes de instituições relacionadas a alguns dos esportes mais importantes da cidade (Motoball, Rugby, futebol, basquetebol). O seu envolvimento e entusiasmo me fizeram entender que esse projeto tinha, portanto, sérias chances de sucesso.

Vários deles concordaram em fazer parte da nova associação, a qual imediatamente criamos em conjunto. Assim como eu, todos estavam convencidos de que ainda era possível salvar muitas coisas do esquecimento e destruição. O futuro demonstrou que estávamos certos.

Os simpáticos relatos dessa reunião fundadora, publicados pela imprensa local, nos ajudaram muito em nossos primeiros passos, e o município decidiu imediatamente colocar um espaço a nosso dispor, de forma permanente, além de nos dar subsídio suficiente para iniciar a operação.

Passamos a dispor, então, de locais para nos reunir e armazenar os frutos de uma coleta que, mesmo sem estar absolutamente certos, esperávamos que seria abundante e rica. O espaço não era muito grande, era uma velha sala de aula de um antigo colégio que não estava funcionando mais como estabelecimento de ensino e que estava à espera de uma reforma digna de um edifício tombado como patrimônio histórico.

Nossas “técnicas” de coleta.

Nossas reuniões semanais foram dedicadas à organização das nossas primeiras coletas. Não éramos muitos, mas dispúnhamos de todas as redes de amizade importantes no mundo dos esportes local. O primeiro time do CPS (Conservatório do Patrimônio Esportivo) incluía dois ex-presidentes do RCC, uma figura histórica do clube de motoball (filho do presidente fundador e ele próprio um ex-jogador de prestígio), ex-presidentes de clubes importantes de futebol e basquete e o secretário de esportes da prefeitura.

Não havíamos elaborado um método legítimo, tendo sido nossa pesquisa inteiramente empírica. Várias técnicas foram (e ainda são) utilizadas.

Utilizamos, primeiramente, nossas redes de conhecimento tentando estabelecer contatos pessoais. Mas não foi fácil. Primeiro, tínhamos que escolher aqueles que achávamos que teriam maior probabilidade de ter preservado traços do seu passado como jogador ou dirigente, localizá-los e depois encontrar com eles. Tínhamos, então, que convencer a todos que sua memorabilia, fotos antigas ou mesmo seus antigos uniformes, poderiam ser de interesse para as pessoas de Carpentras e para nossa associação. Eles tinham ainda que estar dispostos a procurar esses objetos, e ao encontrá-los, não podiam deixar de entrar em contato conosco. Todas essas fases inevitáveis, que muitas vezes levavam vários meses, acabavam esfriando um pouco nosso entusiasmo inicial.

No entanto exploramos também outras direções. Um de nós, grande entusiasta das antiguidades, percorria feiras em busca de objetos e de tudo que pudesse alimentar nosso acervo. Essa pesquisa foi extremamente prolífica, e pudemos comprar, a preços bastante razoáveis, bolas, chuteiras, outros objetos técnicos e históricos e até coleções inteiras de jornais esportivos locais.

Sites de venda também ofereceram oportunidades que não negligenciamos. As feiras foram uma fonte abundante de objetos esportivos muito interessantes para constituir séries técnicas de jogos tradicionais regionais (tamborins de nossos vizinhos de Languedoc, luvas de basebol, luvas de boxe, chuteiras de futebol ou de rugby antigas). Nesse caminho de coleta, muitas vezes nos vimos competindo com "coleccionadores". Vamos falar sobre isso de forma breve. O colecionador é para nós um oponente formidável. Nossos objetivos são muito diferentes, no entanto. Nós compramos para mostrar, e eles comprem para enriquecer o acervo pessoal que cuidadosamente mantêm. Felizmente para as nossas finanças, o colecionador é exigente, e nós não. Para nós, um jogo de boliche faltando um pino evidencia a arte e a técnica do carpinteiro que os fez para seus amigos da vila tanto quanto um jogo em perfeito estado, que seria necessariamente muito mais caro. Da mesma forma, se uma espada está quebrada e só foi usada por um amador desconhecido, nós ficamos felizes em expô-la mesmo assim, porque ela vai documentar tão bem nossa exposição sobre esgrima quanto uma arma em perfeitas condições, mais procurada por colecionadores, que também buscam os objetos que pertenceram às celebridades do esporte.

Acumulação e classificação.

Paralelamente a esse esforço de resgate que nos mobilizou constantemente,

tivemos que organizar o arquivamento e começar uma classificação racional do que encontramos. Nossos recursos e nossa experiência nessa área não eram certamente de nível técnico e teórico suficiente. No entanto dispúnhamos de um computador, câmeras fotográficas (só conseguimos adquirir um scanner alguns anos depois), nos convencemos de que a classificação poderia esperar e de que tínhamos tempo para aprender os princípios básicos da museologia.

O espaço de que dispúnhamos não permitia uma exposição, por menor que fosse. Embora o início da coleta tivesse sido lento, após três anos de existência os 40 m² da sala estavam num estado de enorme confusão, onde era difícil se encontrar. Ela nos permitiu receber alguns visitantes atraídos pela curiosidade, mas era cada vez mais difícil encontrar o que se estava procurando.

Logo percebemos que os poucos artigos que os jornais locais tinham publicado sobre nós e o difícil acesso ao nosso local não seria suficiente para nos tornar conhecidos no mundo dos esportes de Carpentras, nos levando a buscar encontrar maneiras de alcançar um público maior.

A internet começava sua expansão incontrolável e parecia um meio promissor. Mais uma vez, a nossa modesta experiência de usuários iniciantes estava longe de permitir a construção e o lançamento de um site apresentável, mas o nosso regime de entidade sem fins lucrativos nos permitiu falar com o Instituto Universitário de Tecnologia (IUT) de Avignon, que confiou esse trabalho a três de seus alunos. O resultado superou nossas expectativas tanto no que se referia à estética quanto à funcionalidade, mas, infelizmente, não sabíamos ainda como alimentá-lo e como torná-lo mais atrativo. O site até nos trouxe alguns contatos úteis no nível nacional, mas o seu impacto local permaneceu baixo, quase não nos ajudou a aumentar nossos fundos.

Porém, em 2001, um de nós adquiriu competência suficiente para que conseguíssemos um site próprio (www.museedusport.com), além de conseguir gerir sua expansão e as atualizações necessárias. Além do endereço de e-mail, que se tornou mais fácil graças à propriedade desse domínio bastante óbvio, o site nos trouxe muitos contatos de fora de nossa região, o que nos deu a oportunidade de compartilhar, para um público amplo, todas as pesquisas que já tínhamos feito. Alguns de nossos trabalhos, como monografias sobre o clube, por exemplo, que fizeram grande sucesso localmente, mas cujo interesse não era suficiente para publicação na forma de artigos em revistas, encontraram seu lugar. Tínhamos, por fim, uma vitrine virtual, mas estava longe de ser satisfatória.

Retorno ao "local" e primeiras oportunidades de exposições abertas ao público.

Não queríamos perder de vista o nosso principal objetivo, que era o de encontrar e reunir o máximo possível de evidências da vida esportiva local. E para isso a internet não ajudava. A prospecção através de redes de conhecimento e de amizades, a única realmente interessante para nós, avançava lentamente, e ainda estávamos longe de alcançar os nossos objetivos. Para nos tornarmos mais eficazes, tínhamos que aumentar, de toda forma, nossa visibilidade na cidade.

Isso se tornou uma possibilidade em 2008, por ocasião de uma mudança do conselho municipal⁵. O novo governo municipal nos deu a oportunidade de ocupar um antigo espaço comercial localizado em uma rua movimentada da cidade. Esse novo espaço tinha uma vitrine na rua, e ela não tinha nada de virtual. Passamos a dispor de um grande espaço de armazenamento, um escritório e, especialmente, uma sala facilmente acessível e visível para muitos transeuntes.

Nossa prática, então, mudou radicalmente. Tivemos, a partir desse momento, a possibilidade de organizar uma exposição permanente e aberta ao público. Era possível expor, ao mesmo tempo, cerca sessenta fotografias no formato 30x40cm, cartazes, quadros e outros documentos. A cada exposição, as vitrines também nos permitiam expor os objetos (troféus, bolas, uniformes) em conexão com o tema da exposição em andamento.

Atualmente temos uma frequência de quatro exposições temáticas por ano. A escolha desses temas não é feita ao acaso. A situação ideal é quando um clube local faz aniversário. Depois de fazer contato com os dirigentes, escolhemos uma data e organizamos toda a exposição juntos. Geralmente, em tais ocasiões, os clubes entram em contato com todos os ex-membros da sua associação para reunir o máximo de documentos sobre sua história. Como é de se suspeitar, eles são muito mais eficientes do que nós nesse trabalho de prospecção.

O dia da inauguração reúne esportistas de ontem e de hoje, e a imprensa local faz ecoar a notícia dessa pequena cerimônia. Cada uma dessas ocasiões é uma oportunidade de criarmos relações frutíferas. Pode-se acrescentar ainda, e isso é muito interessante para nós, que depois que a exposição termina, não é incomum que o clube nos dê muito do material apresentado. Assim, por exemplo, a filial local do *Club Alpine Français* e o *Club de Spéléologie* nos deram todo o seu antigo equipamento (botas, sapatos do tipo “crampons”, anoraques, pitões de alpinismo, cordas etc.) que não tinham

⁵ F. Adolphe, prefeito 2008 a 2018.

mais utilidade para eles e que enriqueceram a nossas séries técnicas (foto 1).



Foto 1 – Inauguração da exposição de aniversário do Alpine Club. Fonte: Brun, 2014.

Conservação.

Como dissemos, armazenamento bem organizado de acordo com regras universais não está dentro de nossas possibilidades. No entanto não se deve acreditar que reina o caos em nossas reservas! Conhecemos o princípio de "respeito aos fundos" e tentamos ao máximo conservar a totalidade da contribuição de um doador sob uma forma única. Não é difícil quando, por exemplo, há uma caixa de biscoitos com medalhas, mas é uma outra história quando a doação consiste em várias caixas grandes de papelão acumuladas por um ex-presidente do RCC contendo recortes, fotografias, uniformes, revistas técnicas e registros contábeis. Felizmente, temos uma grande reserva onde poderíamos manter um grande espaço dedicado exclusivamente às muitas lembranças do clube de rugby. Após o inventário de uma doação dessa importância, organizamos tudo, sem dispersar nada, em recipientes mais adequados, devidamente etiquetados.

Mas para o vestuário técnico (camisas, quimonos, shorts, meias, chuteiras), cujos doadores são numerosos, decidimos conservá-los todos juntos, em armários protegidos de agentes físicos (luz e umidade) e de parasitas. De antemão, nós cuidadosamente marcamos o nome de seu doador, a data do jogo (para os uniformes da seleção

francesa, por exemplo) ou datas significativas na carreira esportiva do doador. Tudo é, então, classificado por esporte e por antiguidade.

Os recortes de imprensa, livros e fotografias exigem classificações especiais. O ideal teria sido replicar cada documento, mantendo um traço bem catalogado deles em um computador. Percebemos muito rapidamente que, dada a quantidade de memorabilia que nos foi conferida, precisaríamos de duas ou três pessoas trabalhando em tempo integral durante vários anos para realizar esse trabalho. Era óbvio que essa tarefa ficaria fora do nosso alcance por muito tempo. Mas conseguimos encontrar uma solução, que esperávamos ser temporária e que nos permitiria esperar calmamente por dias melhores.

Nossas finanças nos permitiram comprar móveis suficientes para alocar muitas gavetas grandes⁶ para esse tipo de arquivo, que colocamos no lugar sem nenhuma ordem precisa. Uma análise do lugar reservado para cada esporte é um bom indicador da importância que ele teve na história de Carpentras. Os grandes esportes emblemáticos da cidade, como o Motoball e o Rugby de 13, têm direito a três gavetas. O mesmo acontece com o ciclismo (sabemos da importância do nosso Monte Ventoux no ciclismo mundial) e esportes motorizados. Em contraste, alguns esportes, como esgrima, luta, halterofilismo (embora antigo em nossa cidade) se contentam com uma única gaveta.

Biblioteca.

Nossa biblioteca agora inclui mais de 1600 brochuras ou volumes encadernados aos quais devem ser adicionadas coleções de revistas e de jornais que desistimos de contar no momento.

Inicialmente planejávamos utilizar um sistema de classificação padronizado, mas os sistemas utilizados por grandes bibliotecas em todo o mundo não são muito úteis para a nossa, que é dedicada exclusivamente ao esporte. As subdivisões da "classificação decimal universal" (CDU), por exemplo, termina sua estrutura arborescente na subdivisão 79: Recreação-Diversões-Jogos-Esportes, onde deveria começar a classificação da nossa.

Porém a informática veio em nosso socorro. Com ferramentas de busca modernas, é muito fácil encontrar um livro a partir do momento em que ele está listado

⁶ Nossas gavetas têm uma capacidade de cerca de 50 litros.

em um banco de dados padrão. Então adotamos esse sistema, que funciona muito bem com algumas rubricas, como autor(es), nome(s), título, editora e ano de publicação.

Restauração

Nossa preocupação com a conservação do patrimônio esportivo não termina no que conseguimos coletar. Entreviemos, de maneira muito concreta, em duas ocasiões, pelo menos, de forma a manter intactos os traços altamente simbólicos do passado esportivo de Carpentras. Foi nesse momento que lembramos que nosso conservatório foi fundado inspirado diretamente no texto "programático"⁷ de Christian Bromberger: *"Mas por que a igreja da vila, a prensa, o velho moinho da cidade, cujo estudo ou classificação são recomendados de forma justa, teriam mais dignidade de patrimônio que o estádio urbano, lugar de memória pelo qual os habitantes têm apego?"* (1995, p.11)

A primeira das nossas intervenções na cidade foi dedicada à entrada do "Estádio Municipal". Foi bastante fácil já que bastou chegar a tempo de impedir o trabalho intempestivo de uma empresa de obras públicas que faria sua demolição. O segundo foi o de restaurar, por nossos próprios meios, o pórtico acima da entrada do Estádio de la Roseiraie (foto 2).



Foto 2 – O pórtico de entrada do estádio Roseiraie em Carpentras antes da restauração. Fonte: Brun, 2004.

⁷ São as palavras de L. S. Fournier.

A antiga entrada, que havia se tornado perigosa para o tráfego rodoviário, teve que ser transferida e o pórtico jogado no ferro-velho. O Estádio de la Roseraie é famoso no pequeno mundo do Rugby de 13 francês⁸. A fotografia mostra-o antes da restauração. Pode-se ver que a base do galo, emblema de esporte francês, contém um espaço vazio. Originalmente havia ali a sigla USC ("*Union Sportive Carpentrasienne*"). USC era o nome do reagrupamento, imposto pelo governo de Vichy, de todas as sociedades esportivas de Carpentras. Durante esse período, cada esporte tinha perdido a sua autonomia, sendo apenas uma seção da USC. O antigo RCC tinha se tornado a "seção de rugby da USC", e para mais humilhação, o governo da colaboração (durante o regime de Vichy) havia proibido o Rugby de 13, forçando a prática do Rugby de 15.

Pedimos o pórtico de volta, e ele foi reinstalado no novo muro da instalação, após restauração nossa. Nós, é claro, reconstituímos a placa que evidenciou a turbulenta história do Rugby de 13 com a inscrição USC. Isso pode parecer trivial, mas a referência a esse período de proibição autoritária de um esporte que era absolutamente inédito na França tornou-se um dos mitos fundadores do Rugby de 13 francês. Como poderíamos deixar passar um símbolo desses?

Conclusão

Esperamos que o trabalho de "etnologia de resgate" que desenvolvemos há um quarto de século não tenha sido em vão. Estamos convencidos de que a prática local de esportes deixa uma marca com várias nuances de diferentes identidades culturais. Nosso Conservatório não alcançou a completude que esperávamos e que nos levou ao início da nossa empreitada. Contudo a memorabilia que fomos capazes de reunir e proteger são suficientemente abundantes e variadas para não deixar qualquer lacuna na história do esporte na região.

Sem a pretensão de ser um exemplo universal nem servir de referência, acreditamos que seria certamente útil a criação de diversas pequenas estruturas que, como a nossa, pudessem conservar os aspectos relevantes de determinada cultura esportiva, marcada por traços culturais locais (escolha de esporte praticado, exclusão de outros, persistência ou não de jogos tradicionais etc.). Tais "Conservatórios" poderiam ser os guardiões da diversidade e complexidade do universo dos jogos e esportes.

⁸ Inaugurado em 1947, continuou sendo o estádio exclusivo do RCC. Todas as equipes francesas de rugby de 13 jogaram muitas vezes nele.

Referências

BROMBERGER, C. De quoi parlent les sports, Terrain n°25, 1995, p11.

FOURNIER, L.S. Le petit patrimoine des clubs sportifs: un nouveau patrimoine ethnologique. In: Le petit patrimoine des Européens : objets et valeurs du quotidien, L'Harmattan, 2008, pp 217-224.

Data de recebimento: 26.02.2021

Data de aceite: 16.03.2021